

VII - DRAMA DE 1.080 FAMÍLIAS INDÍGENAS RIO-GRANDENSES

Thomaz de Aquino Lisboa e Egidio Schwade

No entardecer do dia 1.º de abril chegamos no tôlido Carreteiro, em Agua Santa, município de Tapejara. Seriam 18h30m. Ainda estava claro. Era sábado e havia muitos índios reunidos. Entramos num grande salão de festas e começamos a conversa.

O encarregado do tôlido, o senhor Mamuel Inácio, de 54 anos de idade, é índio Caingangue. Por 19 anos dirigiu o tôlido. Depois, por três anos, a chefia passou a outras mãos. Desde outubro do ano passado o senhor Manuel Inácio voltou a ocupar o lugar de encarregado. Ganhou, então, uma licença-prêmio de 6 meses. Porém, após 3 meses, suspendeu suas férias e veio chefiar o posto, pois as coisas não iam como ele queria.

E o índio disse com sentimento: "o que eu fiz com as mãos, desmancharam com os pés".

Atualmente é ele que orienta sua gente.

ÍNDIA ENFERMEIRA E PARTEIRA

A senhora Joana Caetano Inácio, esposa do senhor Manuel Inácio — índia Caingangue, é a enfermeira e a parteira. Ela mesma, com orgulho, disse que

havia aprendido um pouco de enfermagem e que com aquilo podia atender os casos mais simples. Para os casos mais difíceis devem recorrer aos médicos.

Vinte e cinco famílias, 128 pessoas, já é uma boa clientela.

CORONEL JA FOI SOLDADO

O índio Domingos Inácio, de 29 anos, filho do senhor Manuel Inácio, é o coronel do tôlido. Serviu no Exército e ao sair recebeu atestado de muito boa conduta durante o serviço militar. Agora, com sua carteira de reservista, coloca-se em pé de igualdade com qualquer outro colono do lugar.

"BASTA A TERRA"

Quando perguntamos sobre o que plantavam, a resposta veio imediata: "de tudo um pouco: feijão, trigo, milho, soja, batata... nós sabemos trabalhar. Temos a nossa plantação; se nós pudesse, como os colonos,

arrumá uma verba no Banco do Brasil, aí nós também táva como eles; mais nós num podê, então, é só mesmo forçando a braço prá ganhá qualquer colônia".

Depois a pergunta foi sobre a terra. Disseram que ninguém invadia. A área era deles, mas não podiam fazer nada sem licença, e que esta nem sempre era concedida. Isto é o que mais lhes custa: verem as possibilidades de realizações e não poderem levá-las a efeito. E isto em todos os campos: plantações, construções, vida social, etc.

Pelas tantas o índio Domingos disse: "o índio não precisa do auxílio do governo, basta a terra". Queriam com isto dizer que, se a terra fosse deles mesmo, estaria tudo resolvido.

ÍNDIO QUER SER GENTE

Por tudo que fica dito, é fácil compreender que os índios dêsse tôlido começam a julgar-se auto-suficientes.

A conversa continuou animada e os índios desabafavam com coragem.

Perguntavam por que eles deviam ficar sempre assim, dependentes, sem direitos, como crianças? E foram tão longe no seu modo de pensar que compararam o seu estado atual com o dos pretos no tempo da escravidão: "Eles já são livres e nós não, porque isso? O índio também quer ser gente como qualquer outro".

Sim, o índio sente-se escravo de um paternalismo estatal exagerado, que não reconhece nele as capacidades que possui. E essa situação, à medida que o índio se desenvolve, torna-se insuportável. Então acontece o que já poderia ser evitado: o índio larga mão de tudo, perde todo o seu espírito de iniciativa, deixa-se embebedar, e torna-se um mérito a mais para o Estado dele cuidar. Uma vez que ele não pode ser gente, para que se esforçar?

"É MELHOR MATA ÍNDIO TUDO"

Perguntamos, então, se eles estariam dispostos a mudar para outra área, pois sendo poucos ali, ficaria melhor se ficassem unidos com os outros índios. E isto fizemos com toda boa intenção. A reação foi imediata, instantânea, colocando em evidência até que ponto o índio já está conscientizado de seus direitos, e até que ponto ele sente, profundamente, a violação desses direitos:

— "Nós não temo que sai daqui. Nós temo direito de ficar. É prá que ir prá outra área? Lá nós não vai ficar melhor que aqui. E aqui, pelo menos, nós já tem alguma colônia?".

Então, explicamos que a mudança teria que ser realizada com toda a justiça: todo o dinheiro da venda das terras do tôlido seria revertido em benefício do índio; assim, que, eles só seriam mudados quando todas as casas estivessem construídas na nova área e tudo o mais estivesse garantido: escola, médico, terra etc. A esta idéia os índios mostraram-se mais favoráveis, porém, como sempre foram explorados, tornaram a reforçar a condição:

— "Nós só sai daqui quando as nossas casas estiverem construídas na outra área e tudo dinheiro desta terra seja nosso".

E uma índia, jovem de 13 a 19 anos, concluiu com ênfase e com sorriso de desdém:

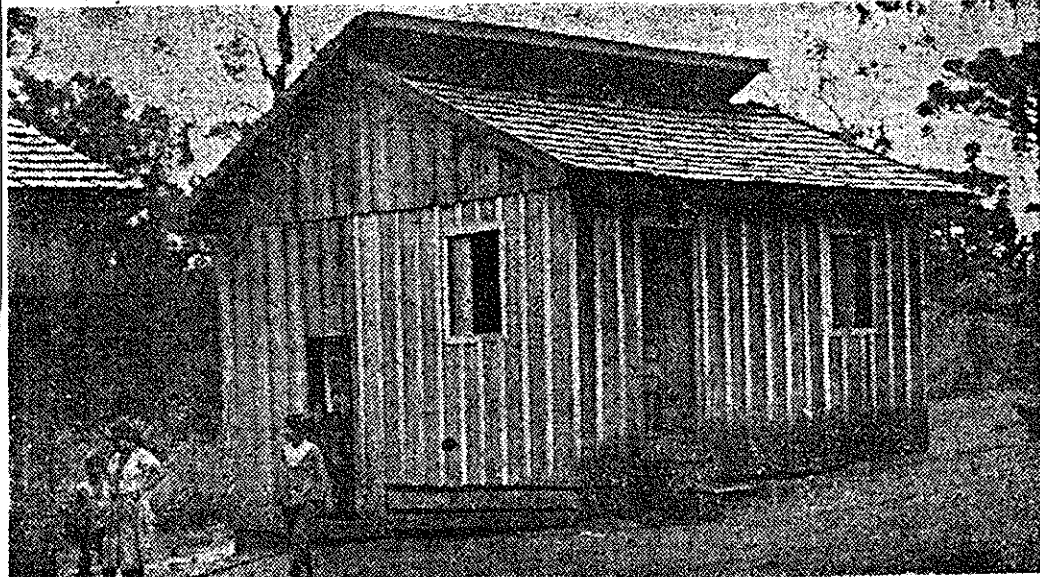
— "Mas o que querem fazê c'os índios? Já chega de sofrê. Se não qué que os índio viva, então é melhor matá índio tudo, mas chega de tanto sofrimento".

Esta índia tem razão. Se os índios devem continuar vivendo na situação em que estão: tidos como "menor", sem iniciativa, sem direitos reais, e, sobretudo, sendo explorado continuamente, é melhor que os interessados matem todos os índios, para que não se prolongue a sua agonia de 4 séculos. Então, o índio morto e o assassino ficarão patentes a todos. Porém, na atual situação, o índio que morre e o assassino que mata, não são vistos por ninguém.

É urgente que toda a situação do índio em nosso Estado e em nossa pátria seja repensada segundo as normas da recente Encíclica de Paulo VI: "POPULORUM PROGRESSIO".

Se você que lê e se interessa pela causa indígena, tiver alguma sugestão, envie-nos e desde já muito agradecido.

Colégio Cristo Rei — São Leopoldo.



Ter uma terra que seja sua de fato, ter uma casinha, vestir uma roupa mais ou menos, ter direitos reais, ser considerado "gente", é isto que o índio quer, e é isto que, por justiça, temos que lhe conceder.